

“TRANS – PONDO” OBSTÁCULOS NO ESPORTE: Perspectivas de Gênero, Sexualidade e Transexualidade nas aulas de Educação Física

Cleuton dos Santos Silva

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. Bolsista CAPES.
cleutnmax@hotmail.com*

Simpósio Temático nº 03 – A (Des) Generificação no Esportes e nas Práticas dos Exercícios Físicos

RESUMO

O presente estudo objetivou investigar como as aulas de Educação Física são direcionadas para alunos/as/es pertencentes a comunidade LBGQTQIA+. Nesse sentido, a pesquisa se baseia em uma entrevista de história oral, a partir da narrativa de uma professora “Trans”, delineando sobre suas vivências durante a Educação Básica e a sua interrelação nas aulas de Educação Física. A pesquisa traz como base de teorização os estudos da História Oral, e que se entrelaça sobre a análise do discurso foucaultiana, correlacionando-se com a relação de poder que ainda é identificada na disciplina de Educação Física como um componente curricular que tradicionalmente contribui para uma lógica heteronormativa, direcionando as modalidades esportivas como esportes para meninos e esportes para meninas. Os resultados obtidos na pesquisa, intensifica a predominância dos esportes que são direcionados binariamente voltados para o viés da sexualidade, não favorecendo assim, para as inserções, discussões e reflexões das identidades de gêneros, impossibilitando que pessoas “Trans” dentre outros, participem das modalidades esportivas não pela sua orientação sexual, mas pelo seu sexo biológico. Nesse sentido, é importantíssimo ressaltarmos que, tanto o sistema de ensino, como as escolas e os professores de Educação Física estejam cientes das adequações necessárias as práticas de atividades esportivas direcionadas para pessoas não binárias, fortalecendo assim, a inclusão escolar. Pois, a escola é um espaço democrático, de autonomia e de quebras de paradigmas. Possibilitando assim, que pessoas não binárias participem ativamente de todo o processo de ensino. Transpondo assim, esses obstáculos hegemônicos nos esportes e vivenciados/as/es diariamente pela comunidade LBGQTQIA+.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Transexualidade, Educação Física.

ABSTRAT

This study aimed to investigate how physical education classes are directed to students belonging to the LBGQTQIA+ community. In this sense, the research is based on an oral history interview, based on the narrative of a "Trans" teacher, outlining her experiences during Basic Education and her interrelation in Physical Education classes. The research brings as the basis of the theorization the studies of Oral History, which is intertwined on the analysis of Foucauldian discourse, correlating with the power relationship that is still identified in the discipline of Physical Education as a curricular component that

traditionally contributes to a heteronormative logic, directing sports as sports for boys and sports for girls. The results obtained in the research intensify the predominance of sports that are binary directed to the view of sexuality, thus not favoring, for the insertions, discussions, and reflections of gender identities, making it impossible for "Trans" people among others to participate in sports modalities, not for their sexual orientation, but their biological sex. In this sense, it is very important to emphasize that both the education system, as well as schools and physical education teachers are aware of the necessary adjustments to the practices of sports activities directed to non-binaries people, thus strengthening school inclusion. For, the school is a democratic space, of autonomy and paradigm breaks. Thus, enabling non-binary people to actively participate in the entire teaching process. Thus, these hegemonized obstacles in sports and experienced daily by the LGBTQIA+ community.

Keywords: Gender, Sexuality, Transsexuality, Physical Education.

INTRODUÇÃO

Hodiernamente, os espaços formais, não formais e informais, vem sendo receptivos a todos os sujeitos que se identificam ou não pela sua orientação sexual, ou seja, são espaços pluralizados por sujeitos binários e não binários. É assim que a escola tem que ser vista, de modo democraticamente, inclusiva, centrada nas perspectivas das diversidades, onde desnaturalizar é essencial para a presença de qualquer pessoa, seja ela participante com contexto de gênero, raça ou etnia.

A pesquisa, transpõe essa ideia onde a “Educação é para todos”, seja qual for a área de estudos, aqui identificado intimamente a disciplina de Educação Física, que tem como seu foco principal os estudos dos movimentos corporais. Corpos, Corpas e Corpes que necessitam estar presentes dentro de todos os contextos, independentemente dos direitos adquiridos nos documentos oficiais que sustentam essas possibilidades, mas por serem corpos humanos que importam, seja onde ele/ela deseja estar. Nesse sentido, o estudo traz como objetivo central investigar como as aulas de Educação Física são direcionadas para os/as alunos/as/es pertencentes a comunidade LBGTQIA+.

Nessa perspectiva, de forma qualitativa a essência do trabalho toma um leque de possibilidades para adentramos no mundo dos estudos acadêmicos, trazendo um estudo de caso, a partir das perspectivas da história oral de uma professora “Trans”, que narra sua vivência desde a sua infância, adolescência até a fase adulta, tomando assim o rumo da História Oral e tendo como base de análise a própria análise Foucaultiano de Michel Foucault. Partido da primícia problematizada: as aulas de Educação Física são

direcionadas as perspectivas de gênero e sexualidade relacionadas a comunidade LGBTQIA+?

Nessa linha de pensamento podemos enfatizar que as escolas na contemporaneidade verberam sobre a igualdade de gênero, mas que na verdade ainda trazem segregações hegemônica binária, principalmente dentro das aulas de Educação Física, onde os esportes, as atividades físicas, dentre outras são direcionadas para meninos, meninas e pessoas com Deficiência e não para pessoas não binárias. Enfatizando nos seus documentos reguladores como “Tema Integrador”, pluralizando as discussões sobre gravidez precoce, DST, violência (na sua visão geral), mas não a Homofobia, a Transfobia dentre outros.

A metodologia, como já mencionada traz uma perspectiva de subjetivação trabalhado através do método qualitativo a análise do discurso, tendo como base a Foucault (1970), Butler (2019), Le Goff (1988), Zanett (2017), Macedo; Berté & Goellner (2016), Gil (200), Ferreira & Traversini (2013) como também Marcone & Lakatos (2003), onde todos/as/es são importantes para a construção desse estudo, trazendo em suas pesquisas contribuições importantíssimas para a construção e continuação da escrita acadêmica. Sendo o mesmo pontuado em duas fases: os direcionamentos dos estudos a partir das leituras desses autores/as/es; e “Trans – pondo” obstáculos nos esportes, onde enfatiza-se o contexto narrativo da professora “Trans” e sua jornada entre os primeiros passos dentro da escola e até Universidade. Sendo considerada pela mesma espaço de encontro com o seu verdadeiro eu, ao olhar em seu espelho e ver não um ser biológico, mas um Corpo revestida de poder e glamour. Liberta da ideologia hegemônica que emana das classes binárias que matam aqueles que desnaturalizam o natural, não tendo empatia pelo seu próximo.

Portanto, essa pesquisa é o início de estudos dentre outras que virão, no sentido que precisamos lutar, e que essas lutas precisam ganhar falas e escritas, sejam elas em congressos, livros, revistas e artigos científicos. Emanando a satisfação de trazermos aos futuros leitores/a/es como é difícil ser apontado/a como diferente em um mundo que discute a inclusão e a diversidade, e que a cada dia ouvimos e lemos diversos tipos de violência contra a comunidade LGBTQIA+, principalmente no Brasil, sendo um dos pais que mais mata, e que mais discute sobre os mais variados tipos de violência contra pessoas que buscam a felicidade, querendo oportunizar seus corpos como realmente desejam.

DIRECIONAMENTOS ESSENCIAIS AO ESTUDO

A pesquisa aqui apresentada traz como debate o processo metodológico qualitativo (Marcone & Lakatos); (Gil. 2002), pois além de se preocupar com a metodologia desenvolvida na Ciências Humanas, também traz a sua essência a relatividade com a área da Educação, chegando a um caminho, e que nesse caminho percorrido historicamente, se correlaciona com o método do que com o problema é proposto dentro do estudo, como aponta Zanette (2017). Nesse mesmo sentido, Parthai, (2010, p. 14), aponta que qualitativamente “ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento das nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vistas de outras pessoas e culturas.”

De acordo a Macedo; Berté & Goellner (2016, p. 45), esses pressupostos relacionam-se também com questões que afetam aos procedimentos metodológicos para a produção e divulgação das fontes orais, ou seja, não apenas a escolha de quem entrevista (ou não), mas também do modo de conduzir a entrevista e, sobretudo, de disponibilizá-la, visto que muitas dessas memórias narram histórias ainda não conhecidas. Le Goff (1988, p. 423), nos traz essas perspectivas de que a memória como propriedade conservam informações, remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas as quais os homens podem atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Nesse, sentido a utilização da história falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes da falada ou da escrita, existem uma linguagem sob a forma de armazenamento de informações da nossa memória (Le Goff, 1988, p. 461).

De fato, todo esse processo de historicidade, armazenamento de memória, nos direcionam de fato, a um discurso, ou seja, a uma análise mais profundo da compreensão de fatos reais advindos de experiências próprias sejam elas individuais ou coletivas que permitem compreendermos as variações das mais variadas formas de poder existentes nesses processos. É através da “Análise do Discurso” que podemos intensificar a subjetividade desses sujeitos pertencentes a uma rede histórica a partir das suas vivências

e saberes que os determinam como sujeitos que existem (corpo e espírito), e não como meros reprodutores de informações somente como símbolos de experiências vivas, mas que além de suas vivências a partir das análises do discurso como uma fermentação metodológica, como é questionado por Ferreira & Traversini (2013, p. 208), podem trazer seus saberes para debates acadêmicos na contemporaneidade.

“TRANS – PONDO” OBSTÁCULOS NOS ESPORTES

O presente estudo é parte de um estudo de caso com a prevalência dos estudos da história oral, a partir das fontes orais de uma professora “Trans” e a sua intercorrelação histórica desde as suas vivências durante o seu processo de transposição de gênero, adaptações aos contextos presenciadas durante a educação básica e a trajetória durante as aulas de Educação Física na Educação Básica.

A mesma de acordo ao processo das entrevistas, destaca ser natural da cidade de Salvador, porém na sua infância, adolescência, juventude até a fase adulta, conviveu na cidade do interior da Bahia, em Senhor do Bonfim, município localizado precisamente a 339km da capital, então Salvador/BA. A face da sua descoberta com relação a sua orientação sexual teve início nas primeiras séries do Ensino Fundamental, quando a mesma ingressou nas séries iniciais do primeiro ao quinto ano. Mas que somente no colegial (Séries Finais e Ensino Médio) que ocorreu o desejo de não ser mais vista como um rapaz gay, e que a partir desse momento que a sua Transexualidade e sua Sexualidade foram sendo percebida e aflorada.

Jorge & Travasso (2018, p. 12), traz essa perspectiva que a Transexualidade nunca de encerra numa discussão entre o normal e patológico, mas situa-se nas encruzilhadas da cultura e seus efeitos sobre nossa vivência da sexualidade. Sendo a mesma singular do ponto de vista da psicanálise. Embora seja considerada pela sociedade binária como banalização, dentro das condições vista pela ciência que estuda os corpos, esse processo de afloramento é uma condição que não surpreende a demanda de autores e pesquisadores da área, que se debruçam entre as pesquisas para convergir as demandas que surgem entre as surpresas e as indagações sobre a Transexualidade.

A professora sempre participante dos grupos de danças e de grupos de teatro, no início segundo a emissora houve a presença de uma sensação de confusão de gênero, embora na época não existisse esclarecimentos necessários ao contexto dos estudos sobre Gênero na escola, por ser caracterizada no período do modelo de escola tradicional, ou

seja essas discursões não eram presenciadas nesses espaços de forma normal, sendo caracterizada como conteúdos anormais, e que não teriam nenhum valor simbólico para os/as que vivenciavam essa metamorfose. Mas de acordo ao delinear da narrativa a mesma já se sentia diferente dos primos considerados então, como sujeitos binários, ou seja, sexo masculino - se tratando de Sexualidade no sentido biológico. Sobre tudo, sendo relacionada a partir dos gostos, das brincadeiras, como afirma a entrevistada – “eu tinha gostos peculiares, eu não sabia identificar ainda o que era, mas sabia que eu não era igual aos meus primos, irmão e colegas, enfim”.

E ao adentra na face da pré-adolescência e na adolescência foi iniciando as mudanças lentamente, principalmente relacionados pelos gostos e desejos por itens femininos, principalmente pela maquiagem, aflorando a sua descoberta da homossexualidade, até então, não se considerava como uma mulher “Trans”, mas como um sujeito gay que tinha em seu corpo traços de feminilidade.

Para assumir a sua transexualidade a mesma questionou que ainda estava muito recente, visto que, diante da comunidade LGBTQIA+ muitos ainda sofrem preconceitos, principalmente quando partem do amparo familiar. Ainda sendo considerada como uma pessoa gay, ela já sentia as sensações de mudanças psicológicas, corporais, sentimentais dentre outras. Porém, na fase adulta o universo feminino veio à tona, quando começou a se adaptar aos poucos sendo marcada pela sua própria citação – semblante de felicidade e de realização ao olhar-me no espelho e mim sentir uma mulher, com seus devidos acessórios: roupas, sapatos, apliques de cabelos e a mais cogitada “a maquiagem”.

Mas um dos fatores comuns entre as pessoas que começa a vivenciar essa vontade de se declarem como sujeitos não binários é o medo da receptividade da sociedade. Pois, a todo o momento vivenciamos assassinatos de colegas/es, preconceitos na escola, sendo um fato ressaltado pela própria emissora quando a mesma passou no vestibular para Licenciatura em Pedagogia, foi realmente um marco de realização e insegurança ao mesmo tempo, principalmente pela aceitação no mercado de trabalho em trabalhar com a Educação Infantil e as Series Iniciais do Ensino Fundamental.

O preconceito da auto aceitação na verdade, a gente vivencia numa cultura, principalmente numa sociedade, onde o corpo ele tem que ser patronizado. Ai qualquer forma de mudança que você faz no seu corpo podem acarretar em inclusão ou exclusão social. Embora o seu corpo seja seu por direito e você pode fazer com ele o que quiser, isso causa muita estranheza nas pessoas, como narra a professora. Diante do processo da

pesquisa a professora “Trans” estar no processo de reposição hormonal de harmonização, onde algumas mudanças já começaram a serem visíveis; - “Então a gente percebe que algumas pessoas da sociedade ainda olham com uma forma de estranhamento, principalmente a família. Só o corpo em si, mas o que você coloca no seu corpo também é uma forma de protesto e acaba sendo um motivo de estranhamento para a sociedade no contexto geral”.

Butlher (2019, p. 16), intensifica que a performatividade do corpo deve ser entendida não como um ato singular ou deliberado, mas como um prática reiterativa e citacional por meio do qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia. Nesse sentido, requer que tanto a sociedade quanto a família, entenda a existência da distinção entre sexo/gênero se diluir entre as linhas paralelas; onde o gênero apresenta-se como significado social que o sexo assume em determinada cultura – e, devido a esse argumento, vamos deixar o “social” e o “cultural” e uma intermutabilidade inquieta, pois o que se está em jogo é o significado de assunção, ou seja, quando o ser assumido significação a ser elevado a uma esfera superior, ou seja, ao poder questionado por Michel Foucault.

BARREIRAS ENCONTRADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NA SOCIEDADE

Quando direcionada e questionada sobre as vivências relacionados a área da Educação Física, no que condiz aos esportes e as atividades físicas a mesma ressalta que, tanto no caso pessoal vivenciada na escola durante a sua formação básica, como também de outros/as amigos/as próximos/as que já se identificavam como: Gays, Lésbicas, Transsexuais e Travestis, na grande maioria as aulas de Educação Física eram vistos como um trauma na fase escolar; - “eu sofri um trauma muito grande na minha fase escolar porque eu não me sentia confortável para praticar os exercícios físicos que eram propostos pelos/as professores/as, onde eram atividades físicas e esportes caracterizados para meninos e meninas. Onde a hegemonidade das aulas era voltada para os esportes para meninos.

A mesma ressaltou que geralmente os meninos praticavam futebol e as meninas praticavam vôlei que era caracterizada como atividade exclusivamente para meninas (biologicamente). Onde não se sentia bem em ter que praticar modalidades esportivas voltado para meninos, somente pela sua caracterização biológica naquele momento. Se

sentia à vontade em desenvolver esportes que eram direcionados somente para meninas, como: vôlei, pular-corda, queria fazer as atividades e as brincadeiras que eram ditas como de femininas na época, mas sempre era negada e barrada pelo professor, pois não visualizava a gente pelas questões de gêneros, mas pelo fato da sexualidade biológica. Talvez essa forma de associar o poder do professor aos alunos me fez criar um trauma ou talvez não a partir do momento que buscamos os nossos direitos em meio a tantas divergências.

Com mais clareza a mesma ressaltou que com certeza essa ação de direcionar ao sexo e não ao gênero exclusivamente aos esportes e as atividades físicas estabelecem um elo de ligação traumático nas vidas dos sujeitos pertencentes a comunidade LGBTQIA+. Essa conduta nos deixa marcas profundas que nem agora a mesma sente a necessidade e nem o hábito de praticar exercícios físicos, como meio de ligação para uma vida saudável ou como momento de lazer agora na sua fase adulta. Mesmo buscando desenvolver atividades de musculação a mesma ia alguns dias e outros não, simplesmente pela falta de desmotivação, não tendo uma dinâmica regular de práticas de exercícios físicos. Pois na época da escola ainda não tinha essa concepção do gênero, a questão do gênero ainda não era abordada na escola, sendo apenas orientada pelo fator biológico, mesmo sabendo que eu era um menino gay, e que iria chegar onde estou, como uma mulher “Trans”.

Como me assumir muito cedo tive que encontrar outros mecanismos para essas questões, porque quando estamos na escola qualquer coisa é motivo do “*bullying*” – sendo uma realidade real até nos dias de hoje vivenciado pela comunidade LGBTQIA+. Durante muito tempo tive muito preconceito pelo meu próprio corpo, como sempre fui muito magrinha, onde me escondia para não mostrar o meu corpo. Só que hoje eu tenho consciência que o corpo é a nossa morada na verdade, independente do seu biótipo físico, independente das suas características dos seus traços. Você tem que entender que o seu corpo é o seu local de respeito. Então, por muito tempo eu me ocultei da importância do meu corpo, mas hoje eu percebo e entendo que o meu corpo é principalmente o meu local de respeito. Então eu tenho que me respeitar para que o outro me respeite e me aceitar para que o outro me aceite.

Como forma para despistar a atenção dos colegas em relação a todos esses preconceitos, ela sempre se direcionava a frente da torcida (organizadora de torcida), organizando as meninas na torcida, mas nunca participava dos jogos, como atleta.

Participava da organização, da semana dos jogos estudantis, mais nunca participava das atividades propriamente ditas como atividades masculinas ou femininas.

No entanto, a percepção e a certeza do desejo em se autodeterminar para sociedade como mulher “Trans” aconteceu no momento em que a mesma adentrou na Universidade, onde encontrou espaços para discutir sobre gênero e sexualidade, sempre orientado pelo professor:

Foi aí eu fui me aprofundar nas questões da Transexualidade para me entender na verdade, pois surgem muitas dúvidas o que é ser uma pessoa “Trans”, o que é ser uma pessoa “Cis”, o que é ser uma pessoa “Trasvestis”, então tudo isso gera conflito, então precisei me aprofundar em estudar para que eu pudesse me entender.

Aí, foi a partir desses estudos, desses conhecimentos que eu conseguir esclarecer algumas dúvidas em relação a me mesmo, inclusive dúvidas psicológicas que me acompanhavam desde a adolescência. Hoje para mim ainda não é um momento pleno de total conhecimento, pois a gente sempre tem algo novo para buscar, principalmente novos conhecimentos, pois as coisas se modificam e se intensificam constantemente, mas já estou bem esclarecida com relação a Transexualidade.

Correlacionado as conquistas e as dificuldades vivenciados pela comunidade LGBTQIA+ na visão da entrevistada é uma dificuldade muito grande, principalmente quando você é uma pessoa “Trans”, onde as coisas acabam sendo mais trabalhosas e mais árduo. A emissora ressaltou que a questão do mercado de trabalho, mesmo na cidade onde vive, não oferece nenhuma oportunidade de trabalho para homens e mulheres “Trans” ou até mesmo para pessoas Gays, Lésbicas e Travestis. Um dos pontos ressaltados é que não é comum vermos diariamente aqueles que se identificam pela sua orientação sexual trabalharem em empresas privadas, a não ser em repartições públicas sendo os/as mesmos/as aprovados/as/es em concurso públicos.

Essa relação de não aceitação do sujeito a partir da sua orientação sexual é visto como uma forma de preconceito, pois de acordo a fala da professora a mesma questiona que durante muito tempo ela entendeu que o preconceito é uma forma de devolutiva de violência, tipo: se alguém me deferir alguma palavra de preconceito ou algum ato de preconceito eu devolvia com agressões, sobre tudo verbais, mas quando a gente passa a conhecer os nossos direitos e entendemos que eles podem ser legitimados, então a gente passa a entender e a compreender, que na verdade o preconceito deve ser devolvido com justiça.

Então com relação ao preconceito que a gente sofre diariamente, hoje vivo mais tranquila, porque sei me colocar e sei dos meus direitos, pois o que está sendo opressor entende que aquela pessoa que está sendo oprimida na verdade ela tem o conhecimento, porque na verdade são pessoas covardes que precisam de alguém para oprimir para crescer se promovendo em cima de alguém, ou seja, se alto declaram poderosos/as, mas quando percebem que o/a outro/a tem o conhecimento eles/elas se afastam temendo os danos, principalmente judiciais.

A questão da Transexualidade é muito complexa, porque antes de autoafirmarmos como indivíduo “Trans” além do corpo, as mudanças vão ocorrendo psicologicamente onde cada cabeça tem o mundo específico e diferente. Quando questionada sobre a cirurgia de Transgenitalização, a mesma não se sente ainda com a necessidade de nenhuma intervenção cirúrgica, porque na grande maioria as pessoas ainda tem essa concepção cultural que ser um homem ou uma mulher “Trans” necessariamente precisa modificar o seu corpo - o que é o mito, segunda a professora. Ressaltando que você pode ser uma pessoa “Trans” e não querer fazer a intervenção em seu corpo nem mesmo a reposição hormonal. Mas para aquelas pessoas que necessitam e acreditam que precisam fazer a transgenitalização como a reposição hormonal é válido, desde que a pessoa esteja preparado/a, e que se sinta feliz com as mudanças necessárias em seu corpo.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje dentro do contexto escolar, podemos observar claramente que ainda é preciso existir essa quebra de paradgmas, onde as orientações de gêneros e sexualidade, não devem ser somente expostas e direcionadas somente como temas integradoras nos Currículos ou nos Planos Políticos Pedagógicos nas escolas. Há uma correlatividade de sujeitos que estão ocupando os muros interno das escolas, e que esses sujeitos precisam ser amparados/as pelos direitos que norteiam a comunidade LGBTQIA+ em qualquer espaço, seja ela considera formal, informal dentre outras.

No entanto, hoje o mundo dos esportes a uma predominância significativa de participações de atletas declarados, Gays, Lésbicas, Transexuais, Bissexuais, Intersexual dentre outros. E que buscam nos esporte lutar pelos seus direitos de liberdade de expressão, principiamente representado pelo seu corpo, objeto de estudo desde dos primeiros pesquisadores da área da saúde e conseqüentemente da Educação Física.

É preciso estabelecer uma convergência entre os saberes necessários sobre as questões de gêneros e sexualidades dentro das escolas, pois muitos não detêm dessas informações dentro do amplo familiar por questões de preconceitos dentre outros fatores. Hoje a escola é considerado o segundo lar para muitos que buscam e necessitam se profissionalizarem para terem uma oportunidade dentro do mercado de trabalho. Se a escola não prepará-los/las como um ser crítico e autônomo de que forma ele/ela será inserido/a dentro do sistema capitalista e completamente binário?

Reformas e Políticas Públicas são necessárias para a inclusão não somente da comunidade LGBTQIA+, mas para os Negros e Negras, Brancos e Brancas para as pessoas com Deficiências, pois todo o contexto que embarca a diversidade e a inclusão perpassa pela empatia humanizada. E humanizar esses espaços para que esses sujeitos adentrem é permitir que eles se recriem da forma como queiram ser, pois os corpos importam, e é a partir da inserção desses corpos dentro do mercado de trabalho que a economia é movimentado no país, que se diz simbolo da diversidade, e segundo as estatísticas atuais é o país que mais mata pessoas, Negras e LGBTQIA+ no mundo.

A escola é o espaço de transpormos esses limites que ainda existem sobre um ideologia binária, pois vivemos inseparamente uma coletividade entre sujeitos binários e não binários, e a escola precisa estar preparada para não apenas conscientizar sobre as Doenças Sexualmente Transmissível, o uso correto da camisinha, a conscientização das relações precoces, a gravidez, as drogas e atos de violências homofóbicas. Mas é preciso está presente na vida dessas pessoas independente das suas orientações sexuais, pois as partes forma um todo, e o todo hoje é composta tanto por pessoas binárias e não binárias.

Nesse sentido, é preciso reformular praticas não no sentido de incluir, mas de manter essa conectividade entres os individuos independente da sua orientação sexual. O bom professor, precisa estar atualizado sobre essas novas demandas que ganham espaços a cada dia e a cada momento novos significados principalmente na sua prática pedagógica. A mídia é clara com essas afirmações, onde a comunidade LGBTQIA+ está inserida e cada dia mais presentes nas artes, na musicalidade, nos setores trabalhistas como também nos esportes e dentre outros espaços socioculturais. É preciso desnaturalizar o que é considerado por longos séculos como natural. Não é pecado amar o que se deseja, o que não é permitido é ser mais considerado/a oprimido/a por um sistema que se alta declara o centro do poder. Mas que esse poder pode emanar das classes mais numerosas que existem, pois são essas classes menos favorecidas que sustentam o

sistema. E esse discurso finito, limitado, desejável, útil, que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência, a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objetivo de uma luta, e de uma luta política.

Portanto, independentemente de qual sejam esses espaços que os indivíduos não binários queriam ser inseridos/as/es, é preciso convergir não somente como direitos constitucionais, mas pelo fator da empatia humanizada, de permitir que o outro mesmo que se identifique a partir do seu gênero, raça e etnia tenham as mesmas condições de vivenciarem o que desejarem fazer. E a escola é um lugar de pluralidade, diversidade e inclusão e de conscientização, não sendo permitido a discriminação e a violência. E que qualquer ação pedagógica, seja ela linguística, lógica, experimentalista ou vivenciada a partir dos movimentos corporais possam embarcar esses sujeitos que se identificam como sujeitos presentes a partir das suas orientações sexuais, pois os corpos importam em qualquer lugar que eles/elas queriam habitar.

REFERÊNCIAS

BUTLE, Judith. **Corpos que importam**. Tradução de Verônica Daminelli, Daniel Yago Françoli, - São Paulo: n – 1 Edição: Crocodilo Edições, 2019.

FEREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarise Salete. **A Análise Foucaultiana do discurso como ferramenta Metodológica na pesquisa**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Coleeége de France**, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. Ed. São Paulo: Loyola, 2007b.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. Ed. – São Paulo: ATLAS, 2002.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. 7ª Edição Revista. Editora UNICAMP. 1988.

MACEDO, Christiane Garcia; BERTÉ, Isabela Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. **História oral na era digital: a experiência do projeto Garimpando Memórias**. História Oral, V. 19, n.1, 2016.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** – 5. Ed. – São Paulo: ATLAS 2003.

PATHAI, Daphne. **História oral, feminismos e política.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, 2017.